

Pode-se encontrar várias notas deste Centro assinadas pelas irmãs nos jornais operários e anarquistas da época, com o mais diverso teor, como “suas bases de acordo, os fins, as orientações político-ideológicas, sobre a administração, convocação das sócias para reuniões, artigos em prol de militantes deportados e a publicação de manifestos às trabalhadoras (es)”. [2] Em 1915, Maria Antonia representou o *Centro Feminino Jovens Idealistas*, de São Paulo, no “Congresso Internacional da Paz”, realizado no Rio de Janeiro.

Numa época em que as mulheres começavam a se organizar e estavam ainda dispersas, as irmãs pregavam a organização feminina como a melhor arma para se conseguir a igualdade dos sexos. A pauta sufragista tomava conta das energias femininas e elas criticavam duramente o sufrágio universal como solução para a emancipação das mulheres. Em um artigo intitulado *O Voto Feminino*, publicado em duas partes nos dias 17 e 28 de janeiro de 1920, em *O Grito Operário*, uma das irmãs, que assina como “Maria A. Soares”, dá voz a esses questionamentos das libertárias, dizendo que:

“Dedicar-se verdadeiramente à carreira política só o poderão fazer as mulheres da burguesia. As outras deverão conformar-se com empregar os seus sacrifícios para que as outras subam ao poder. [...] Um governo de mulheres burguezas, conservadoras por influencia do poder e mesmo por sentimento próprio, não fará em benefício das classes proletárias (e nestas estão incluídas, naturalmente, as mulheres operárias) outra coisa que o que têm feito os governos masculinos. Não o pode fazer, porque fazer qualquer coisa que realmente venha a emancipar os trabalhadores, é pôr em perigo a vida da sociedade burgueza e provocar, como consequência, a queda de toda classe de governo. E isso não lhes convém.” [3]

Para elas, o melhor caminho para a tão sonhada liberdade estava na horizontalidade e na auto-organização das classes exploradas.

A repressão nessa época se fazia sentir: os casos de deportação e desaparecimento de militantes, assim como o fechamento de sindicatos e escolas aumentavam. A polícia e o Estado promoviam uma verdadeira caça às bruxas direcionada a quem quer que defendesse idéias libertárias. Essa repressão também era direcionada às mulheres e no jornal *A Voz do Povo* de 15 de abril de 1920, Maria Antonia denuncia a sua prisão e de outras militantes do movimento anarquista.

Em 1923, a família Soares se muda para o Rio de Janeiro, mais especificamente para a rua Maria José, na Penha. A casa da família estava sempre aberta para conversas, para debater e deliberar sobre atividades e para os ensaios das peças que seriam representadas. Amílcar dos Santos, companheiro de Angelina, em suas memórias manuscritas, recorda dos piqueniques que realizavam “em Paquetá, Ilha do Governador, Saco de São Francisco, Represa dos Ciganos, Pedra de Guaratiba e Inabui. Cantava-se, a orquestra tocava, praticavam-se esportes leves, domingos bem vividos, libertariamente. Sempre presentes a família Soares, João Peres, Ideal e Carolina, os Ferreiras, Manuel e Henrique, as famílias Corrêa e Lopes, Esteves, sempre só, os Trigos com as famílias, o Romero com a filha, Oiticica, D. Margarida, Diamantino, Costa, Simões, Taboada com a família, e outros mais tarde deportados e/ou desaparecidos.” [4]

A cultura era outro palco para sua militância. Envolveram-se profundamente com grupos de teatro e música. Maria Angelina, Maria Antonia e Matilde começaram a atuar em São Paulo e, no Rio de Janeiro, participaram do *Grêmio Renovação Teatro e Música* (vide Emecê # 13, 2009).

O grupo era ensaiado por José Oiticica e dele fizeram parte anarquistas como Elvira e Amílcar Boni, Marques da Costa, Antonio Leite, Pascal, Gravina, Antonio e Luciano Trigo. Matilde também era cantora num Orfeão do mesmo grupo, também ensaiado pelo Oiticica, e que cantava entre outras, uma música de autoria do próprio, *Ilha Raza*, composta por ele quando esteve preso na ilha de mesmo nome. O nome de Matilde também aparece na propaganda de vários festivais recitando a poesia *Rebelião*. Pilar também era afeita à poesia, e sabe-se que escreveu pelo menos uma: *Os Maltrapilhos*, que era atração anunciada em diversos festivais libertários. Em uma nota no jornal *A Plebe*, Pilar aparece vendendo a comédia *O Pecado da Simonia*, peça escrita por Neno Vasco. O Grêmio Renovação ficou conhecido, além de suas belas encenações, por praticar o “naturismo”, como chamavam o hábito de comer frutas em quitandas, de sandálias e sem chapéu, numa época em que sair com a cabeça descoberta era bastante incomum.

É de se imaginar o que passaram por terem ousado viver além de seu tempo; por criticarem costumes, normas, e as velhas estruturas como o Estado e o

patriarcado. Cada mulher, em qualquer época, que ousou levantar sua voz contra as injustiças que a cercavam conhece bem a força de tais estruturas. Mas algumas mulheres escolheram a luta. Algumas de nós nos cansamos de ser silenciadas.

Essas cinco mulheres sobreviveram ao machismo de sua época, ao machismo de seus pares, e sua memória hoje sobrevive apesar do óbvio silenciamento que acontece às mulheres no decorrer da história. Quem resgata a memória das mulheres? Quem se espelha nelas? Apenas outras mulheres. Imagino que as personagens desse texto se mostrariam frustradas ao ver que, em 2016, tão longe ainda estamos da emancipação feminina, quiçá de uma revolução social.

Mas para elas, uma coisa parecia estar bem clara, como bem notou a historiadora Marina Tannús Valadão, em sua pesquisa sobre mulheres anarquistas com foco nas quatro irmãs: o entendimento da “emancipação feminina como pré-requisito para a emancipação da sociedade. A liberdade feminina frente ao homem é o ponto de partida para a construção de uma nova sociedade – a libertária.” [5]

Que nesse 8 de março dispensemos as homenagens vazias e as rosas sejam dadas à memória de cada mulher que caiu lutando por seus ideais. Que lembremos daquelas que abriram um caminho espinhoso, que ainda tem infinitamente mais espinhos do que rosas. Que sempre vivam em nossas memórias aquelas que, em prol da liberdade, dedicaram suas vidas às causas que acreditavam justas e dignas.

Paula, Angelina, Maria Antonia, Matilde, Pilar, presentes! Hoje e sempre! Não tá morta quem peleia!

Livia Olivetti

Referências e Notas

RODRIGUES, Edgar. “Alvorada Operária”. Editora Mundo Livre. Rio de Janeiro: 1979.

_____. “Novos Rumos”. Editora Mundo Livre. Rio de Janeiro.

_____. “O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia”. Editora Achiamé. Rio de Janeiro: 1992.

VALADÃO, Marina T., LOPREATO, Christina da Silva R. “Biografia(s) Anarquista(s): Militância Libertária Sob as Lentes da História Impressa”. No prelo.

[1] VALADÃO, LOPREATO, p.9.

[2] Idem, p. 14.

[3] “O Grito Operário”. Ano I, nº 7. 17 de janeiro de 1920.

[4] RODRIGUES, 1992, p. 133.

[5] VALADÃO: LOPREATO. D. 19.

